



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

FABRICIO CESAR DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS MASCULINIDADES NEGRAS ENTRE
ESTUDANTES ESTRANGEIROS AFRICANOS E AFRO-DIÁSPORICOS
BRASILEIROS NA UNILAB - CAMPUS DOS MALÊS - BAHIA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

FABRICIO CESAR DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS MASCULINIDADES NEGRAS ENTRE
ESTUDANTES ESTRANGEIROS AFRICANOS E AFRO-DIÁSPORICOS
BRASILEIROS NA UNILAB - CAMPUS DOS MALÊS - BAHIA**

Pré-Projeto de Pesquisa como proposta de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentando como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharelado em Humanidades, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andressa Ribeiro.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

FABRICIO CESAR DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS MASCULINIDADES NEGRAS ENTRE
ESTUDANTES ESTRANGEIROS AFRICANOS E AFRO-DIÁSPORICOS
BRASILEIROS NA UNILAB - CAMPUS DOS MALÊS - BAHIA**

Pré-Projeto de Pesquisa como proposta de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentando como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharelado em Humanidades, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Data de aprovação: 10/02/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Andressa de Freitas Ribeiro (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Marcio André de Oliveira Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Ismael Tcham

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JUSTIFICATIVA	7
3	PERGUNTA CENTRAL	9
4	OBJETIVOS	9
4.1	OBJETIVO GERAL	9
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
5	METODOLOGIA	10
6	REFERENCIAL TEÓRICO	11
7	CRONOGRAMA	13
	Referências	14

1 INTRODUÇÃO

Pensar em masculinidade, e reconhecer que o termo de forma singular e unificada representa uma problemática universalista, é aceitar que na verdade existe dentro da construção social dos países ocidentalizados e na normativa reducionista patriarcal, uma desconsideração, por muito tempo, às outras formas de masculinidades possíveis.

Houve uma negligência em não se pensar a existência e sobrevivência das masculinidades negras, por exemplo. E pensar em “Masculinidades Negras” é reconhecer o embaraço epistêmico das realidades de pessoas pretas que vivem no Brasil.

As masculinidades negras, assim se desenvolve no pensamento científico social enquanto um campo teórico e de análise de extrema importância aos movimentos e configurações das sociedades, contribuindo para a afirmação e consolidação da negritude, podendo ser reconhecida nas questões que geram paradigmas nos campos biopsicossociais, culturais e familiares. Devido ao apagamento e silenciamento de quaisquer expressões de masculinidade contrárias a hétero-hegemônica, por vezes não há uma reflexão por parte dos próprios homens negros da contemporaneidade acerca de sua condição masculina, bem como sobre suas formas de expressividade e sobre o processo dessa construção.

Esta pesquisa pretende investigar então, o que projeta-se sobre as masculinidades negras como os estereótipos de violência, subalternidade, indiferença, ‘hipersexualidade’ ou ‘hipermasculinidade’, possível ausência de afetividade e como os corpos de homens negros se moldam nas representações sociais ‘heteronormativas’ (BUTLER, 2008). Além disso, as concepções eurocêntricas esvaziam as subjetividades dos corpos de homens negros da dimensão da afetividade (COLLINS, 2009).

Embora a constituição da masculinidade hegemônica se fundamente na restrição dos afetos e apesar de existir formas distintas e particulares em cada cultura, regiões e países nas expressões das masculinidades, o estereótipo de um corpo condicionado ao perfil de masculino recai sobre os homens. De forma mais geral, esse perfil funciona como uma característica específica do ser humano biologicamente macho, categorizada na representação social do gênero masculino e de sexualidade heterossexual. (CONRADO; RIBEIRO, 2017).

Neste sentido, esta pesquisa irá observar e investigar esse caminho, junto aos atores, sobre como a construção dessas masculinidades se moldaram nas diferentes sociedades e países e no encontro integracional no Brasil entre os estudantes estrangeiros africanos e brasileiros da UNILAB – Campus Malês. Esta construção social de masculinidades confere ao ser sentido de existência por categorias e se estabelece, em parte, por processos educativos contínuos de

socialização, desde o convívio inicial com a família, na interação escolar, com a comunidade, em suas religiões, e na valorosa influência da mídia e das redes sociais,

Tais masculinidades, portanto, são frutos dessa relação com o meio em que se vive, e ainda, nas próprias noções que cada homem negro vivencia e de cada experiência em sua singularidade, conseqüentemente, distinta da masculinidade heterogênea (SOUZA et. al., 2017).

A masculinidade assume, por vezes, papel importante de oposição à feminilidade, de tal maneira que nas sociedades a diferença está colocada não só na apresentação corporal biológica mas também nos papéis estabelecidos para cada gênero social. Segundo Anthony Giddens (2005), “estes papéis sociais os constructos de todo aspecto da existência comportamental do masculino e feminino, processo que consolida às desigualdades sociais de gênero, sexualidade, e até das diversas expressões das masculinidades” (GIDDENS, 2001, p. 109).

Raewyn Connell¹ (1995) irá sugerir que há uma masculinidade atribuída categoricamente à ação política do confronto, e evoca ao “papel masculino” definições sociais, decretando uma posição marcada pela ideologização da supremacia masculina. Com isso, a autora salienta que a masculinidade será corporificada diante de tensões combativas, “[...] de modo que as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade que serão partes substanciais da característica imputada na aspiração de masculinidade hegemônica”. (CONNELL, 1995, p. 189).

Por outro lado, Franz Fanon (1952) irá questionar, de forma assertiva, as diversas contradições sociais em que se encontram os homens negros, e uma delas garante nesta pesquisa um ponto central de questionamento: a falta de humanidade autêntica inculcado pelo sistema racial às masculinidades negras. Tal engrenagem do sistema racista e científico ocidental exerce função de caráter necropolítico projeta posições nos homens negros, as quais se faz necessário repensar afim de ressignificá-las.

O processo de masculinização resultará nas ideias de que as características formativas sociais se dão na concepção quando se descobre o sexo biológico da criança antes mesmo do nascimento, gerando inúmeras problemáticas no estabelecimento das noções de gênero (BUTLER, 2003). Signos pré-estabelecidos direcionam a manutenção de determinado tipo de

¹ Raewyn Connell (1944) é professora e cientista social da Austrália com trabalhos nas áreas de educação, ciência política, ciências sociais e estudos de gênero da Faculdade de Educação e Serviço Social da Universidade de Sydney (University of Sydney). Uma mulher transsexual que tem seus escritos já em processo de reedição ao que era conhecido pelo nome anterior a sua readequação sexual por Robert W. Connell.

masculinidade, que exercerá influências na construção da masculinidade desses homens (NADER e CAMINOTI, 2014).

As autoras Nader e Caminoti (2014) concordam que este processo funciona, revelando que o lugar do masculino não é exclusivo e hegemônico e sim dependente do contexto de localidade que o indivíduo esteja inserido e do tempo histórico em que ocorre essa ideiação². Contribuindo, dessa forma, para o entendimento de que as experiências vividas pelos estudantes da UNILAB – Malês irá se diferenciar entre os estudantes africanos nos aspectos de localização, nação, etnia e regiões diferentes e, para com os estudantes brasileiros das diversas regiões do Brasil na assimilação das noções, representações e experiências de suas masculinidades, contexto universitário e social.

Desta maneira, a perspectiva que a pesquisa procurará desenvolver para se desvendar um caminho possível de diálogo, será em buscar por meio de uma metodologia qualitativa, traduzir as lógicas de como estes entendem o processo de construção de suas masculinidades. Pensando ainda, sobre como atribuem sobre si e sobre como percebem tais processos nas comunidades em que socializam.

A pesquisa assim, assume valor teórico empírico afim de revelar o objeto de como se dá o processo de construção das masculinidades, em diferentes regiões nos contextos dos países da lusofonia. O objetivo, a priori, é compreender a construção dessas masculinidades através do contato com os estudantes africanos estrangeiros e os estudantes brasileiros das diversas regiões do país, habitantes na Bahia mais especificamente na cidade de São Francisco do Conde onde muitos habitam e estudam.

2 JUSTIFICATIVA

O tema desta pesquisa vai ao encontro destes questionamentos que guardam relação com a convivência entre as masculinidades negras no contexto diaspórico brasileiro universitário, dialogando diretamente com a vivência dos estudantes, brasileiros e estrangeiros africanos, e entre estes com a sociedade do Recôncavo Baiano na cidade de São Francisco do

² Para a compreensão da noção de ideiação (Gibson, 1988) explica ser a capacidade cognitiva de conceituar e gerar ações motoras, depende em grande parte, da integração de inputs sensoriais e do conhecimento de possíveis ações corporais. Ideação, é, então, um processo dinâmico que ocorre durante o desenvolvimento típico, começando na infância, à medida que a criança apreende sobre ações e propriedades do objeto através do seu comportamento exploratório, como, por exemplo, bater, apertar ou tocar.

Conde, propondo diálogo intercultural e de reconhecimento das narrativas sobre as vivências desses homens.

Parte-se do pressuposto que, a constituição de masculinidades deve ser compreendida de forma pluralizada, gerando assim, oposições em si mesma, ainda pelo fator de ambientação, por conta das vivências partirem de regiões e lugares distintos, como aponta Connell (1995): “[...] as masculinidades são construídas através dessas formas, elas são também constantemente re-construídas. [Portanto] As masculinidades estão constantemente mudando na história” (CONNELL, 1995, p. 191).

Obviamente, podemos supor que a exemplo disso, se percebe o comportamento entre um homem negro oriundo da região Sudeste ou Sul do Brasil distinta dos maneios utilizados na educação social de outro homem negro que seja da região Nordeste ou Norte do Brasil. Da mesma forma será diferente o comportamento do homem preto africano que tivera sua formação socializada em Guiné-Bissau, à outro africano de Angola, ou ainda àquele proveniente de Cabo-Verde. Tal distinção se dará em função das diferentes localidades, nacionalidades, das formas culturais e sociais na assimilação dos códigos das masculinidades. E é possível, ainda, realizar uma análise no contato sociável com a região em que a universidade está inserida, servindo de justificção para se encontrar as diversidades entre às masculinidades negras de maneira heterogênea.

Para tanto, bell hooks³ evoca que “o silêncio que tem sido gesto de cumplicidade, especialmente o silêncio sobre os homens negros” (hooks, 1989, p. 128), faz parte das formas de dominação, colonização das mentes e subalternidade imposto aos homens negros pelos imperativos do sistema racista. Com isso, a autora propõe uma análise “multilocalizável” numa perspectiva em que este homem ao compartilhar sua experiência de negritude é parte intrínseca na consideração de mudanças da masculinidade negra contemporânea (CONRADO; RIBEIRO. 2017).

De certa forma a sociedade brasileira está configurada exclusivamente nos padrões hegemônicos do colonizador, de modo que a reprodução de situações em que o racismo impreterivelmente é operado. Segundo Renato Nogueira (2019) no Brasil o racismo é aprendido desde criança, na terna infância, de forma que irá se consolidar na vida adulta. Neste sentido, outra abordagem da pesquisa será a percepção dos homens negros de casos específicos em que

³ A autora bell hooks pseudônimo de Gloria Jean Watkins (1952), é um nome atribuído a si em homenagem à sua avó e o emprego da letra minúscula se dá por um posicionamento político da autora afim de desmontar as convenções acadêmicas e da própria norma linguística, de forma a dar enfoque aquilo que suas obras tem a dizer e não atribuir honras à sua pessoa.

sua masculinidades, na sociedade brasileira, fora alvo de eventos racistas, investigando o que acontece psico-socio-intelectualmente.

3 PERGUNTA CENTRAL

A pergunta central que norteará a investigação desta pesquisa está em desvendar: quais são os diferentes tipos de masculinidades negras presentes no comportamento e nas subjetividades de estudantes negros oriundos dos países da integração como Guiné-Bissau, Angola e Cabo-Verde, assim como aos do Brasil, na UNILAB, no Campus dos Malês – BA.

Esta pergunta central pode se desdobrar em perguntas mais específicas: de como foi para cada homem negro a descoberta do lugar do masculino em seu grupo? O que direcionou a se enxergar enquanto homem na sociedade? Como eles identificam o processo de construção destas masculinidades associada a dimensão social?

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Investigar e compreender os processos de construção social e ideação das masculinidades dos estudantes negros, estrangeiros e brasileiros da UNILAB – Campus Malês – Bahia através de uma análise comparativa dos seus entendimentos sobre suas masculinidades.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar acerca de trabalhos referente as masculinidades negras nos países da integração, mais especificamente em Angola, Cabo-Verde e Guiné-Bissau e na diáspora brasileira, afim de encontrar formas distintas de expressividade;
- Investigar acerca dos processos da construção da masculinidade nos contextos de regiões específicas no Brasil, em Guiné-Bissau, Angola, Cabo-Verde, de modo teórico e por informações coletas pelos alunos que serão entrevistados;

- Realizar entrevistas junto aos estudantes da UNILAB – Campus Malês – Bahia, acerca dos relatos da idealização de masculinidades em suas respectivas nacionalidade, sociedades, comunidades, regiões, etnias;
- Identificar situações de racismo, exclusão, preconceitos, abordagens típicas do sistema social do Brasil sobre homens negros;
- Observar mudanças culturais, comportamentais nas ações entre si dos estudantes estrangeiros ao chegar no Brasil, e do convívio entre estes com os estudantes brasileiros;
- Compreender as diversas formas de expressão da masculinidade encontradas e de vivências das diferentes orientações de sexualidades.

5 METODOLOGIA

Como medida de exploração e investigação afim de verificar as propostas de análise, este projeto se insere no escopo para a pesquisa com abordagem qualitativa com intuito de demonstrar as narrativas das experiências, ideias vividas e compartilhadas dos participantes. No decorrer do desenvolvimento da pesquisa, realizar-se-á a pesquisa bibliográfica acerca dos processos de negritude e consciência dos conceitos de masculinidades, gênero e sexualidade, nos contextos dos países da integração, afim de pensar na relação entre essas temáticas, articulando sobre como abordar os processos de masculinização pessoal e social na experiência vivida destes homens, desde a primeira percepção racial até aos elementos que compõem a noção de vivência social enquanto corpo negro no mundo.

Em campo de pesquisa inicialmente virtual, será proposto visando para interação entre as partes um questionário para levantamento de dados, de forma introdutória para seleção de personagens interessados em participar da pesquisa. É sugerido um questionário contendo perguntas fechadas (de escolhas únicas e limitadas) e dicotômicas (entre uma ou outra opção), na tentativa de extrair informações sobre os participantes, suas experiências e localidades (CHAGAS. 2000).

Como forma de investigação e observação, visando identificar atitudes, comportamentos e a própria integração entre os entrevistados de diferentes expressões de masculinidades, será proposto conversas em encontros, também virtuais ou presenciais (de acordo com o contexto), por meio da metodologia de grupo focal que, “consiste na interação

entre participantes e o pesquisador e a coleta de dados, a partir da discussão com foco, em tópicos específicos e diretivos” (ASCHIDAMINI; SAUPE, 2004, p. 7). Assim, explorar-se-á as noções acerca da construção de masculinidades, através das narrativas e de histórias que cooperem para o pensamento pluriverso das masculinidades negras

Para a organização das reuniões do grupo focal, pretende-se realizar encontros quinzenais com duração de cerca de 120 (cento e vinte) minutos ou 2 (duas) horas, com no mínimo 1 (um) representante de cada nacionalidade presente do campus Malês/Bahia respeitando disponibilidade dos integrantes. Tais encontros contribuirão na construção de narrativas pelas trocas de experiências, de ideias e aprofundamento na contextualização do tema, assim poder-se-á verificar de forma orgânica e aprofundada o diálogo e prática das masculinidades no contexto universitário e entre diferentes contextos nacionais e territoriais.

Os encontros serão gravados, caso sejam de forma *onlines* coletando imagens das reuniões ou, quando presenciais com gravador comum para transcrição dos diálogos a posteriori, com gravação e produção audiovisual, caso possível.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

A perspectiva teórica para esta pesquisa vai ao encontro direto das questões atribuídas ao “paradigma africanista” afim de contar as histórias africanas, objetivo epistêmico basilar da temática da afrocentricidade cunhado pelo filósofo Molefi Kete Asante (1980),

A afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos. [...] é uma questão de localização precisamente porque os africanos vêm atuando na margem da experiência eurocêntrica. (ASANTE apud. NASCIMENTO, 2009, p. 93).

Deste modo, Asante nos fornece subsídios para pensar as masculinidades negras, em especial, o homem preto (ou pardo) como protagonista de sua autodeterminação e identificação numa reconexão de consciência de si e do lugar no mundo através do viés filosófico, prático e experiencial.

Não obstante a este pensamento, Fanon (1952) aponta que o homem negro não consegue vê-se a si mesmo sem contudo partir de uma lógica branca que lhe foi imposta pelo sistema da ‘branquitude’. Parte-se da negação de sua “negrura”, lhe impondo qualidade animalésca e doente partes de “uma série de aberrações afetivas”, fundamental para justificar a sociogenia

que corresponde ao sofrimento psicossocial do negro nas sociedades ocidentais (FANON, 1952, p. 25-28). Evoca-se, portanto, a teoria fanoniana para a discussão, pois as características socialmente atribuída ao homem negro são indispensáveis para compreender os efeitos que o racismo tem provocando na comunidade negra ao redor do mundo.

Ao analisar as configurações do contexto universitário da UNILAB particularmente no Campus dos Malês localizado na Bahia, estado mais negro do Brasil e na cidade majoritariamente negra de São Francisco do Conde, essa pesquisa pode contribuir na luta de resistência e luta antirracista. Além disso, pode contribuir para fundamentação de mecanismos que auxiliem nos aspectos de saúde mental, física, emocional destes estudantes, através de uma “tomada de consciência”⁴ e reorganização das estruturas .

Parte desse processo de reajuste das masculinidades negras num ponto de vista “afrocêntrico”, está baseado na tomada desta consciência negra e de seus homens no campo bio-psico-socio-intelectual. O imperativo normativo do sistema patriarcal designou ao papel socialmente aceito para a masculinidade uma posição que leva a opressão, desigualdade, sexismos, nas formas de dominação masculina, opressão feminina ou de masculinidades diferentes da hegemônica, como argumenta Daniel Welzer-Lang (2001). Sem deixar de lado que o lugar imposto ao homem negro é o de inferioridade, hooks indaga:

Sem uma maneira de nomear nossa dor, nós também estamos sem palavras para articular nosso prazer. De fato, uma tarefa fundamental para os pensadores negros críticos tem sido a luta para quebrar com a hegemonia de modos de ver, pensar e ser que bloqueia nossa capacidade de ver oposicionalmente, de imagens, descrever e nos inventar de modos que são libertários. Sem isso, como nós podemos desafiar e convidar aliados e amigos não-negros pra arriscar um olhar sobre nós de modo diferenciado, para ousar quebrar seu olhar colonizador? (hooks, 2019, p. 29).

Portanto, é imprescindível pensar a situação de uma masculinidade negra contemporânea, não mais, apenas pelos parâmetros impostos ao homem negro pela cultura colonial. Pretende-se analisar, neste sentido, esse diálogo intercultural, atentando-se para as demandas desses homens negros brasileiros e suas diversas especificidades de expressões, de sexualidades, de comportamento social, de regiões territoriais comparativamente as inúmeras aparições referentes às particularidades e processos de socialização, religioso, étnicos, epistêmico, presentes nas “Áfricas” dos países de Angola, Cabo-Verde e Guiné-Bissau sobre aquilo que venha ser definidos como “masculinidade”.

⁴ “Tomada de consciência” como Deivison M. Faustino (2020) demonstra em seu brilhante estudo sobre Fanon e traz as definições acerca das teorias fanonianas e percepções acerca das vivências negras nas diásporas africanas.

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Prática Pedagógica: Etnografia da prática escolar*. São Paulo. Campinas. Ed. Papirus, 1995. p. 114. Disponível em <http://lab.cua.ufmt.br/lepega/file/2018/03/etnografia.pdf> Acesso: 24 de Ago/2021.
- ASANTE, Molefi K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, et. al. (Org.) *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.
- ASANTE, Molefi K. An African Origin of Philosophy: Myth or Reality?. City Press. Trad. Marcos Carvalho Lopes. *Capoeira – Revista de Humanidades e Letras*. Vol. 1, número 1, 2014, p. 117.
- ASCHIDAMINI, Ione Maria; SAUPE, Rosita. *Grupo Focal Estratégia Metodológica Qualitativa: Um ensaio Teórico*. Biblioteca Digital de Periódicos. Repositório Digital Institucional – UFPR. v. 9, n. 1 (2004). Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/1700> Acesso: 26/09/21.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar – 1º ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2018.
- CHAGAS, Anivaldo T. R. *O questionário na pesquisa científica*. Administração On Line FECAP. São Paulo. vl.1, nº1, jan-mar/ 2000. Disponível em: <http://www5.eesc.usp.br/portaldeconhecimentos/index.php/por/Conteudo/O-questionario-na-pesquisa-cientifica> Acesso: 18/09/21.
- COLLINS, Patricia. *Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Por: Sil Trad. Jamile Pinheiro Dias. Editora Boitempo Editorial, 2019.
- CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*. UFRGS – Porto Alegre. vol.20(2), nº 2, p. 185-206. jul./dez. 1995. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725> Acesso: 25/10/21.
- CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. *Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate*. Estudos Feministas. Florianópolis, vol.25(1), nº 422, p. 73-97, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/40165> Acesso: 30/03/21.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 1983. [Edição Brasileira].
- FAUSTINO, Deivison Mendes. *Notas sobre a sociogenia, o racismo e o sofrimento psicossocial no pensamento de Frantz Fanon*. Rio Grande. REIS, v. 4, nº. 2, jul-dez. 2020. p. 10-21. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/12211> Acesso em 17/07/21.
- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Trad. Sandra Regina Netz. 4. ed. – Porto Alegre : Arned, 2005. p. 102-107.

GONZALEZ, Astrid. “Entre emoção e cognição: uma etnografia como projeto reflexivo.” In: *Revista Intratexto*, 2014, vol 5, no 1, p. 95-115.
DOI:<http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2014.12905>

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocatuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação* // bell hooks; Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

NADER, Maria Beatriz; CAMINOTI, Jacqueline Medeiros. Gênero e Poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica. *Saberes e Práticas Científicas*, Rio de Janeiro, Jul/2014.

NOGUEIRA, Renato; ALVES, Luciana P. Infâncias Diante do Racismo: teses para o bom combate. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 2, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/88362> Acesso em: 25/06/21.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Trad. João M. Marques, Maria A. Mendes, Maria Carvalho. Rio de Janeiro. Gravida – Publicações, ed. 2, Jan/1998. p. 49-86.

SOUZA, Maria D. F. de.; ALTOMAR, Giovana; MANFRIN, Silvia H. *A construção social da masculinidade*. Toledo Prudente Edu, 2017. Disponível em: <https://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/6227> Acesso: 24/05/21.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n° 2, p. 469-482, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/abstract/?lang=pt> Acesso 16/08/20.